

O QUE É *ÁSKESIS* NA FILOSOFIA DE MICHEL FOUCAULT?

Carlos Eduardo Gomes Nascimento¹

RESUMO: O presente artigo é resultado da comunicação apresentada no II Encontro de Filosofia da Bahia (EFIBA). Pretende-se estabelecer uma perspectiva filosófica acerca da prática da *áskesis* na filosofia, a partir da genealogia do sujeito de Michel Foucault, enquanto condição de possibilidade na criação de novos modos de existência. A *áskesis*, na cultura de si da filosofia antiga, consistia em práticas ou exercícios filosóficos no curso da existência do sujeito, tendo como princípio o cuidado de si (*epiméleia heautoú*). Neste sentido, o texto investiga as raízes da hermenêutica do sujeito na experiência da *áskesis*, o trabalho de si sobre si, no diálogo “Alcíbiades I” de Platão, identificando a relação filosófica entre o cuidado de si e o conhecimento. E busca compreender o desaparecimento do cuidado de si no período moderno. Por fim, o texto vem expor a *áskesis* foucaultiana, repensando o cuidado de si, através das práticas de si na afirmação da filosofia como modo de vida para o sujeito constituir a si mesmo na

ontologia do presente, por um exercício filosófico de livre criação de si, por uma estética do sujeito como obra de arte.

PALAVRAS-CHAVE: *Áskesis*, Michel Foucault e estética.

ABSTRACT: This article is the result of the communication presented at the II EFIBA. The text intends to establish a philosophical perspective on the practice of askesis in philosophy, from the genealogy of the subject of Michel Foucault, as a condition of possibility to create new modes of existence. The *askesis*, the culture of the self, at the ancient philosophy, consisted of practical or exercises in the course of the existence of the subject, based on the principle "care of the self" (*epimeleia heautou*). The text traces the roots of the hermeneutic of the subject in the experience of *askesis*, the dialogue "Alcibiades I" of Plato, identifying the philosophical relationship between the care of the self and knowledge. And seeks to understand the disappearance of the care of the self in the modern period. Finally, the text comes expose Foucault's askesis, rethinking the care of the self, through the practices of the self in the philosophy as way of life for the subject constitute itself in this ontology of the present, by a philosophical exercise of free creation itself, by an aesthetic of the subject as a work of art.

KEYWORDS: *Áskesis*, Michel Foucault and aesthetics.

1. ÁSKESIS UMA AFIRMAÇÃO DA FILOSOFIA COMO MODO DE VIDA

A presente comunicação analisa a hermenêutica do sujeito de Michel Foucault, seguindo a genealogia como instrumento de investigação filosófica para perscrutar a constituição do sujeito, a partir do sentido filosófico da *áskesis*, “uma experiência modificadora de si no jogo da verdade” (FOUCAULT, 1984, p.13), a fim de buscar “a singularidade dos acontecimentos, espreitando-os lá onde menos se os esperava e naquilo que é tido como não possuindo história – os sentimentos, o amor, a consciência, os instintos” (FOUCAULT, 1999, p. 12). Com efeito, o objetivo da comunicação é explorar o sentido das práticas de si na filosofia, sob a ótica de Michel Foucault, capazes de constituir uma experiência modificadora do sujeito na ideia de *áskesis*, por uma intensificação da subjetividade pelo exercício de uma vida examinada na constituição estética do sujeito.

Para Foucault, a relação entre sujeito e a verdade na filosofia antiga se deu principalmente por dois grandes princípios filosóficos sobre os quais o sujeito podia se constituir estilisticamente como obra de arte: o princípio do cuidado de si (*epiméleia heautoú*) e do dizer a verdade (*parrésia*), essenciais no pensamento e modo de vida filosófico das *polis* gregas, estes princípios representavam a

prática da liberdade na ética de vida espiritual e política dos indivíduos, enquanto fundamento estético da arte de viver.

Desse modo, Foucault, na “Hermenêutica do Sujeito” (1982), “Governo de si e dos outros” (1983) e “Coragem da Verdade” (1984) explorou as escolas da filosofia antiga, observando que a *áskesis* consistia no trabalho espiritual de transformação dos indivíduos inerente ao modo de vida filosófico. A *áskesis*, entre os antigos, tinha o sentido de uma preparação para o acontecimento da vida, a *paraskheué*, conforme escreve Foucault sobre esta prática de si: “Esta formação, esta armadura se quisermos, armadura protetora em relação ao resto do mundo, a todos os acidentes ou acontecimentos que possam produzir-se, é o que os gregos chamavam de *paraskheué*” (FOUCAULT, 2006, p.115).

A cultura de si grega foi um modo de vida da filosofia antiga, que se encontrava obscurecida e pouco estudada, até a investigação de Foucault sobre a genealogia ética do sujeito. A cultura de si era um modo de vida que se constituía essencialmente no trabalho pela *áskesis*, exercícios ou técnicas, na ação estética do sujeito sobre si mesmo na prática da liberdade criadora de uma ética. Na “Hermenêutica do Sujeito” (1982), sobre esta prática filosófica antiga, Foucault disse:

Forma pela qual o sujeito pode e deve transformar-se para ter acesso à verdade é um trabalho. Trabalho de si para consigo, elaboração de si para consigo, transformação progressiva de si para consigo em que se é o próprio responsável por um longo labor que é o da ascese (*áskesis*) (FOUCAULT, 2006, p. 20).

Nesse sentido, o pensamento de Foucault investiga a *áskesis* enquanto uma prática ética do sujeito criador de si, não sujeitado aos estatutos de uma política moral, pois a *áskesis* “não é uma maneira de submeter o sujeito à lei” (FOUCAULT, 2006, p.383). A problemática filosófica de Foucault explora a suspeitada produção de jogos de verdade na constituição da subjetividade na “ontologia do presente, uma ontologia da atualidade, uma ontologia histórica de nós mesmos” (FOUCAULT, 2009, p.21). Mas, então como fica a *áskesis* diante dos jogos de verdades na modernidade?

A prática da *áskesis* será, entre outros temas filosóficos, responsável pela análise filosófica de Foucault sobre historicidade do sujeito, para desvelar o ser do presente, por meio de outra perspectiva na relação entre o sujeito e verdade, explorando os modos de vida da cultura de si grega; Foucault esclarece uma outra perspectiva filosófica sobre a relação da filosofia com a espiritualidade, pouco presente na modernidade. A filosofia modernamente, segundo Foucault, é vista enquanto uma “forma de

pensamento que se interroga sobre o que permite ao sujeito ter acesso à verdade, forma de pensamento que tenta determinar as condições e os limites do acesso do sujeito à verdade” (FOUCAULT, 2006, p.19). Já, as práticas de si essenciais na constituição da subjetividade ligadas ao fenômeno da espiritualidade, também se constituíam por um conjunto de experiências na filosofia antiga da cultura de si, tais práticas de si, a *áskesis*, foram desaparecendo do pensamento filosófico moderno. Nesse sentido Foucault esclareceu que:

Durante todo este período que chamamos de Antiguidade e segundo modalidades que foram bem diferentes, a questão filosófica do “como ter acesso à verdade” e a prática de espiritualidade (as transformações necessárias no ser mesmo do sujeito que permitirão o acesso à verdade) são duas questões, dois temas que jamais estiveram separados (FOUCAULT, 2006, p.21).

Para Foucault, sem a espiritualidade que esteve indelevelmente ligada à vida dos filósofos da antiguidade, a realização tão somente do ato filosófico pelo conhecimento, “jamais conseguiria dar acesso à verdade se não fosse preparado, acompanhado, duplicado, consumado por certa transformação do sujeito, não do indivíduo, mas do próprio sujeito no seu ser de sujeito” (FOUCAULT, 2006, p.21),

sendo indispensáveis a *áskesis*, as práticas de si. A filosofia e a espiritualidade se vinculavam pelo princípio do cuidado de si, no qual o sujeito realiza sobre si mesmo um trabalho estético de modificação e criação sobre sua existência, porque é o cuidado de si que “designa precisamente o conjunto das condições de espiritualidade, o conjunto das transformações de si que constituem a condição necessária para que se possa ter acesso à verdade” (FOUCAULT, 2006, p.21).

O *ethos*, o modo de vida na cultura de si, está vinculado à existência da *áskesis* como prática de si na constituição da subjetividade da vida dos filósofos na antiguidade, pelo princípio do cuidado de si, princípio fundamental desde a escola pitagórica e em todas as escolas filosóficas da antiguidade, até os estoicas e epicuristas, do século II depois de Cristo. A relação entre o sujeito e a verdade está na maneira como se vive, correspondendo a manifestação da verdade da vida filosófica do sujeito, assim Foucault diz que o *ethos* filosófico se encontra na prática do cuidado de si, porque “a existência que se leva, pelo conjunto de opções que se faz, pelas coisas a que você renuncia, pelas que aceita, pela maneira como você se veste, pela maneira como fala, a vida filosófica deve ser, de ponta a ponta, a manifestação dessa verdade” (FOUCAULT, 2009, p. 312).

Foi assim que surgiu a filosofia na cidade, através do *ethos* filosófico praticado por Sócrates na *Ágora*, ganhando a dimensão da alteridade, pela exortação aos cidadãos da cidade de Atenas ao princípio do cuidado de si, criadora de uma estética da existência pública. Com efeito, Sócrates defendeu a filosofia como um modo de vida, conforme relata Platão em sua “Apologia de Sócrates”:

Ateniense, cidadão da maior cidade e mais célebre por sabedoria e poder, não te envergonhes de pensar em acumular o máximo de riquezas, fama e honras, sem te preocupar em cuidar da inteligência, da verdade e da tua alma, para que se tornem tão boas quanto possível? (PLATÃO, 1972, p. 160).

Neste sentido, o questionamento filosófico de Sócrates reverberou pela filosofia na antiguidade, segundo diz Rocha (2014, p.244): “Sócrates marca aí um momento fundamental nessa coragem da verdade”, levado às últimas consequências na escola cínica por Diógenes, o “Sócrates furioso”, isto é, as práticas de si da filosofia constituem a subjetividade como um exercício da criação ética por uma estética do sujeito para uma vida verdadeira, assim diz Foucault:

O que me impressionou é que na ética grega as pessoas se preocupavam com sua conduta moral, sua

ética, suas ligações com elas próprias e com os outros (...). A segunda observação é que a ética não estava relacionada a nenhum sistema social – ou pelo menos legal-institucional (...). O terceiro ponto a observar é que o que os preocupava, seu tema, era constituir um tipo de ética que era uma estética da existência (FOUCAULT, 2014, p. 216).

A ética na cultura do cuidado de si da filosofia socrática vem a ser uma condição de possibilidade para o sujeito se construir livremente, através de estética da existência que se opunha ao discurso da retórica dos sofistas, que eram pagos para transmitir o saber na formação dos cidadãos atenienses. A partir do pensamento socrático, a filosofia da cultura de si se constituiu publicamente enquanto um modo de vida, em que a *áskesis* filosófica, a relação do sujeito e verdade, consistia em práticas ou exercícios do cuidado de si na estética do sujeito. Assim diz Foucault:

A *askesis*, longe de designar a renúncia a si mesmo, implica a consideração progressiva de si, o domínio de si — um domínio ao qual se chega não renunciando a realidade, mas adquirindo e assimilando sua verdade. O objetivo final da *askesis* não é de preparar o indivíduo para outra realidade, mas permitir-lhe chegar à realidade deste mundo

(...) A *askesis* é um conjunto de práticas pelas quais o indivíduo pode adquirir, assimilar a verdade e transformá-la em um princípio de ação permanente. A *aletheia* se torna o *ethos*. É um processo de intensificação da subjetividade (FOUCAULT, 2014, p. 282).

Mas como se dava na filosofia antiga a transformação de si pela *áskesis* filosófica? E como se pensar a *áskesis* ao ser do presente?

2. ÁSKESIS ENTRE O CUIDADO DE SI E CONHECIMENTO DE SI

Para isso, é de fundamental importância a leitura que Foucault fez do diálogo “O primeiro Alcibíades” de Platão, observando que ainda na filosofia antiga ocorreu o recobrimento do princípio do cuidado de si pela máxima de consulta ao oráculo de Delfos, o “conhece a ti mesmo”. Esta é uma problemática que Foucault chama de “paradoxo do platonismo” sobre a genealogia do sujeito, que significou um duplo jogo que terá forte impacto não apenas no pensamento antigo, mas também sobre o pensamento moderno. Sobre este paradoxo no “O primeiro Alcibíades” de Platão, disse Foucault (2006, p.98): “recolocar incessantemente as condições de espiritualidade que são necessárias para o acesso à verdade e, ao mesmo tempo,

reabsorver a espiritualidade no movimento único do conhecimento, conhecimento de si, do divino, das essências”, ou seja, o processo de conhecimento e o acesso à verdade se davam mediante a máxima délfica do conhecimento de si e o cuidado de si, por uma ascética do reconhecimento do divino em si mesmo.

No diálogo “O primeiro Alcibíades” de Platão se observa o seguinte, quando Sócrates diz para Alcibíades (129 a): “o que é certo é que, conhecendo-nos, ficaremos em condições de saber como cuidar de nós mesmos, o que poderemos saber se nos desconhecemos” (PLATÃO, 2007, p. 275). Posto que, o “conhece a ti mesmo” (*gnôthi seautón*) se constituiu na tradição filosófica, como questão fundadora da relação entre sujeito e verdade (FOUCAULT, 2006, p.5), principalmente na filosofia platônica como preceito fundamental que possibilitava ao sujeito conhecer, em que, para ter acesso à verdade era preciso conhecer, conforme analisou Foucault:

Nos textos gregos e romanos, a injunção para se conhecer a si mesmo está sempre associada a outro princípio que é o cuidado de si, e é essa necessidade de cuidar de si que torna possível a aplicação da máxima délfica. Essa ideia, implícita em toda a cultura grega e romana, torna-se explícita a partir do “Alcibíades I” de Platão (FOUCAULT, 2014, p.268).

Mas conhecer o quê? Onde está a verdade? Disse Sócrates em “O primeiro Alcibíades” de Platão (130c): “o homem no caso de ser alguma coisa terá de ser forçosamente alma” (PLATÃO, 2007, p. 278) e, para que tenha acesso à verdade que está na alma, o homem deve não só cuidar de si (alma), mas também conhecer a alma. Mas como conhecer a alma? A “alegoria da caverna” no livro VII da “República” de Platão apresenta esse trabalho filosófico, no sacrifício do homem que estava aprisionado na caverna com outros e volta à caverna para ensiná-los a cuidar de si. Assim também, como na “Carta VII” de Platão que diz sobre a importância da *áskesis* como um trabalho filosófico de conhecimento e cuidado com a alma, pela forma de vida que advém do trabalho sobre si mesmo, “é preciso indicar que todo assunto exige trabalho e que do trabalho vem a fadiga, não sendo possível viver de outro modo sem ganhar força por si próprio, só o filósofo é capaz de suportar a fadiga do trabalho ao praticar tudo o que for necessário à filosofia” (PLATÃO, 2013, p.87).

Neste sentido, a *áskesis* platônica para conhecer cuidar da alma consiste essencialmente num exercício epistêmico que se dá pelo diálogo na transformação estética e ética de si na companhia do outro. Nesse movimento sobre a alteridade, surge o “paradigma da visão”, também expresso em “O primeiro Alcibíades” de Platão, conforme podemos

observar quando Sócrates exorta Alcibíades à vida filosófica antes da vida política, pelo trabalho sobre si, isto é, pela *áskesis* como um movimento de transformação na prática de si na presença do outro, segundo o diálogo “O primeiro Alcibíades” (133c):

Sócrates: “Se o olho quiser ver a si mesmo precisará contemplar outro olho, [pois o mesmo será] com relação à alma, meu caro, se ela quiser conhecer-se a si mesma, não precisará também olhar para alma na porção em que reside a sua virtude e inteligência?”

Alcibíades: “Parece-me que sim, Sócrates”.

Sócrates: “É a parte da alma que mais se assemelha ao divino; quem a contemplar e estiver em condições de perceber o que nela há de divino, Deus e o pensamento, com muita probabilidade ficará conhecendo a si mesmo” (PLATÃO, 2007, p. 2083).

Este é um exemplo de um movimento ascético para o conhecimento de si criando condições para que a alma atinja o divino, para que a alma com inteligência contemple e engendre o divino, pois conhecer a si mesmo possibilita cuidar da alma, pois só assim Alcibíades “saberá distinguir o bem e o mal, o verdadeiro e o falso, conduzir-se como se deve, saberá governar a cidade” (FOUCAULT, 2006, p. 90),

para que governando a cidade possa cuidar de si e cuidar dos outros.

A filosofia antiga trazia duas questões para a *áskesis* filosófica; a primeira era o conjunto de exercícios para o cuidado de si, isto é, sobre “quais são as transformações no ser mesmo do sujeito necessárias para ter acesso à verdade?”; a segunda, acerca da máxima délfica “conhece a ti mesmo” sobre o problema “como ter acesso à verdade?”. Neste sentido, se observa que o cuidado e o conhecimento constituíram a dinâmica do modo de vida na cultura de si dos filósofos da antiguidade principalmente para os platônicos, em que o “cuidado de si” e o “conhece a ti mesmo” eram a obra do sujeito da cultura de si na liberdade estilística de constituir a si mesmo. Francis Wolff analisa no texto “Eros e *Logos*: a propósito de Platão e Foucault”, que “Platão inaugura uma racionalidade de longa duração, aquela na qual já podemos reconhecer nossa ciência moderna (...) nossa própria ordem do discurso, atravessada pela nossa própria vontade de verdade” (WOLFF, 1992, p. 148). Assim, Foucault vai buscar compreender na hermenêutica do sujeito a dissociação na modernidade da filosofia do conhecimento e o cuidado de si que ficou obscurecido.

3. *ÁSKESIS* NO MODO DE VIDA DA “ONTOLOGIA DO PRESENTE”

A genealogia do sujeito, de Michel Foucault, identificou o fenômeno da “governamentalidade”, conceito que se dá pela maneira como os homens elaboraram um saber sobre si mesmo, criando processo de subjetivação às técnicas de poder. Tais técnicas constituíram um indivíduo sujeitado na “ontologia do presente” através de dispositivos como a disciplina e o controle. Com isso, ao questionar o modo de vida dos sujeitos na “ontologia do presente”, Foucault percebeu que o pensamento na modernidade obscureceu o princípio filosófico do cuidado de si em favor do paradigma do conhecimento puro ao acesso à verdade por uma consciência clara e distinta, que tudo pode saber e conhecer, inclusive a si mesmo, e que constituiu a subjetividade do ser do presente.

Foucault denomina esta virada na história do pensamento de “momento cartesiano”, que se deu na modernidade, quando o indivíduo se torna sujeito do conhecimento na crença de uma consciência que tudo é passível do saber, uma incontável vontade do saber, inclusive ao estabelecer padrões do saber da racionalidade científica ao modo de vida dos sujeitos, assim disse Foucault:

Certamente, entre o *gnôthi seautón* socrático e o procedimento cartesiano, a distância é imensa. Compreende-se, porém, por que, a partir deste procedimento, o princípio do *gnôthi seautón* como fundador do procedimento filosófico, pôde ser aceito, desde o século XVII, portanto, em certas práticas ou procedimentos filosóficos. Mas, se, pois, o procedimento cartesiano, por razões bastante simples de compreender, requalificou o *gnôthi seaulón*, ao mesmo tempo muito contribuiu, e sobre isto gostaria de insistir, para desqualificar o princípio do cuidado de si, desqualificá-lo e excluí-lo do campo do pensamento filosófico moderno (FOUCAULT, p.19).

Nesta perspectiva, a modernidade obscureceu as práticas de si do princípio do cuidado de si, pois a nossa tradição filosófica moderna requalificou o conhecer a ti mesmo sobre o cuidado de si. O modo de existência do sujeito se constituiu na modernidade, segundo Foucault, por diferentes maneiras e jogos de verdade, sob os efeitos da vontade do saber, que são apreendidos na multiplicidade discursiva e nas técnicas de poder utilizadas sobre os sujeitos para classificá-los e nomeá-los, isto é, normatizar os sujeitos, por dispositivos de poder estabelecidos, seja por discursos, como a economia, psiquiatria, biologia, criminologia etc., que constituíram sobre o sujeito um

sistema de disciplina e controle, institucionalizado pelo sistema jurídico positivo, garantidor das relações de trabalho e da educação formal, condicionantes do processo de sujeição sobre o ser do sujeito moderno.

A *áskesis* perde espaço para a vontade do saber criadora de outras práticas de poder sobre o sujeito, como é o exemplo da confissão, uma técnica de subjetivação, que para Foucault, se constituiu como uma estratégia do poder no processo de sujeição do sujeito, pois na confissão o sujeito tem a obrigação de dizer quem ele é; é pela confissão que é possível o acesso à verdade mediada por diretor de consciência (padres, médicos, professores etc.) especializado em um saber, para qualificar e quantificar as fontes de desejo e prazer, isto é, na definição do comportamento da vida do sujeito.

Neste sentido, a modernidade deu novo caráter ao instituto da confissão, pois deixou de pertencer tão somente ao religioso para se tornar uma tecnologia do poder por meio de teorias psiquiátricas, que se vincularam à instituição jurídica, em que a verdade é diagnosticada pelo saber especializado do cientista; que pode determinar, então, criminalizar sobre o modo de vida do sujeito, estigmatizando o sujeito no espaço público, seja como um louco, criminoso, delinquente, pervertido, encerrados em instituições de tratamento disciplinar, a fim de excluir os anormais da normalidade social. Porém, esse procedimento

se dá pelo jogo de verdade, em que o próprio sujeito que confessa uma subjetividade a ser subjugada, insere padrões estabelecidos por um controle do saber, isto é, a verdade é operada como em um jogo produzido por uma rede difusa de poder e saber, em que o sujeito deve assumir um corpo dócil. Assim sendo, a confissão criou um padrão ético para o sujeito, não apenas circunscrita a moral, mas também à aplicação da lei, que se dava em julgamentos e execução de sentenças condenatórias na praça pública, assim diz Foucault:

Na sociedade ocidental o homem se torna um sujeito confidente, quando a confissão difundiu amplamente seus efeitos: na justiça, na medicina, na pedagogia, nas relações familiares, nas relações amorosas, na esfera mais cotidiana e nos ritos mais solenes; confessam-se crimes, pecados, os pensamentos e desejos; confessam-se o passado e os sonhos (FOUCAULT, 2005, p. 59).

A elaboração discursiva seja filosófica, teológica e científica adquiriu um caráter de vinculação à ideia de verdade sobre a vida do sujeito, de como os sujeitos devem ser e agir em público ou na intimidade, pois nas “sociedades ocidentais colocaram a confissão entre os rituais mais importantes de que se espera a produção de verdade” (FOUCAULT, 2005, p. 58). Essa formação discursiva da

verdade sobre o sujeito vem a ser fonte de pesquisa da “arqueogenealogia” de Foucault, pois é no “corpo que se encontra o estigma dos acontecimentos passados do mesmo modo que dele nascem os desejos” (FOUCAULT, 1999, p.19). Assim Foucault põe em xeque o ideal de verdade fundado na vontade de saber que subjugou o sujeito, sujeitando-o em uma produção de verdades por tecnologias de poder, constituídas para moldar, educar e “curar” o corpo, o espírito e o desejo dos seres humanos.

4. CONCLUSÃO: *ÁSKESIS* FOUCAULTIANA

A proposta feita por Wolff (1992, p.148) colocou que a melhor maneira de ler Foucault não é comentá-lo, mas trabalhá-lo, isto é, praticar a sua filosofia. Neste ponto, a presente comunicação compreende que o cerne do debate filosófico na constituição genealógica do sujeito de Foucault deve buscar as experiências da *áskesis* filosófica, exercícios e técnicas de si na filosofia de Foucault, enquanto condição de possibilidade para uma nova constituição do ser do presente na resistência ao processo de subjetivação de técnicas de poder e tecnologias da vontade de saber normalizadoras dos dispositivos de disciplina e controle na modernidade.

Como seria possível resistir? Em meio ao processo de subjetivação sobre a constituição do ser do presente por

jogos de verdade, técnicas do poder e tecnologias da vontade do saber, que constituíram a disciplina e controle para os sujeitos na modernidade, desse modo questiona Foucault (2006, p. 219): “Qual é o saber que me possibilitará viver como devo viver; como devo viver enquanto indivíduo, enquanto cidadão?”. E assim pensando a prática da *áskesis* filosófica, será que a experiência filosófica da cultura de si na antiguidade pode responder a ontologia do presente? Para Foucault, é possível repensar a *áskesis* filosófica antiga e as técnicas de si, porém “não significa encontrar a solução de um problema na solução de um outro problema, levantado em um outro momento por outras pessoas” (FOUCAULT, 2006, p. 252). Mas segundo se observa na análise de Foucault sobre a experiência filosófica da *áskesis* pelo cuidado de si, é possível poder criar outro espaço de resistência, diferente da prática dos antigos, que questione permanentemente o fundamento de uma moral baseada na produção de regras e normas exteriores, pois foi na cultura de si antiga que houve uma experiência filosófica no exercício da ética enquanto prática da liberdade, uma estilística da existência que possibilitou ao sujeito intensificar a subjetividade; transformar a realidade; criar a sua verdade sobre seu corpo e espírito.

Com efeito, a filosofia de Michel Foucault se apresenta enquanto vivência filosófica, por outra experiência ética e estética ao ser do presente, uma

“eitopoiesis”, a transformação da verdade em prática de vida, o *ethos*. A estética da existência é o *ethos*, que se constitui então como a possibilidade do sujeito se metamorfosear, semelhante a uma obra de arte, resultado do trabalho de si sobre si e de técnicas pelo princípio filosófico do cuidado de si, assim Foucault observa:

O que me surpreende é o fato de que, em nossa sociedade, a arte tenha se transformado em algo relacionado apenas a objetos e não a indivíduos ou à vida. Mas a vida de todo indivíduo não poderia ser uma obra de arte? Por que uma mesa ou uma casa são objetos de arte, mas nossas vidas não? (FOUCAULT, 2014, p. 215).

Neste sentido, a *áskesis*, enquanto trabalho de si sobre si mesmo é uma obra criada pelo sujeito no seu próprio corpo e alma, e representa uma permanente experiência espiritual do pensamento na modificação do ser do sujeito ético, diferente do sujeito da moral ascética da renúncia a si religiosa. Posto que a relação entre a *áskesis* e a vida do sujeito se dá estilisticamente como arte, que tem como ponto de ligação o princípio filosófico do cuidado de si, assim nos lembra Foucault: “nenhuma técnica pode ser adquirida sem exercício; não se pode mais aprender a arte de viver (*technê tou bíou*) sem uma *áskesis* que deve ser

compreendida como um treino de si por si mesmo” (Foucault, 2006, p. 146).

Com isso, repensar a prática da *áskesis* se torna essencial na criação de uma estilística da existência em que o modo de vida e agir é a verdade do ser do sujeito em se constituir eticamente, resistindo aos discursos e técnicas de poder, para isso o sujeito deve ter a coragem em assumir a sua verdade, rompendo com a ideia de uma moral do indivíduo da modernidade. Para Foucault, o princípio filosófico do cuidado de si, obscurecido pela normalização da vontade de saber, cria a agitação e inquietude no curso da existência, pois é o cuidado de si que configura a atitude filosófica para o sujeito. Diz Foucault:

A filosofia é justamente o que questiona todos os fenômenos de dominação em qualquer nível e em qualquer forma com que eles se apresentem – política, econômica, sexual, institucional. Essa função crítica da filosofia decorre, até certo ponto, do imperativo socrático: Ocupa-te de ti mesmo, ou seja: Constitua-te livremente pelo domínio de ti mesmo (FOUCAULT, 2006, p.287).

A *áskesis* foucaultiana não se apresenta uma receita de como se deve viver, mas cria a dimensão filosófica da suspeita acerca dos domínios de saber e dispositivos de

poder; a *áskesis* filosófica foucaultiana é a crítica ao modo de viver na modernidade que se constituiu uma subjetividade por práticas da verdade sobre o sujeito. A jornada filosófica de Foucault sobre a genealogia do sujeito é uma defesa da filosofia enquanto escolha de vida; é a transgressão, a luta e enfrentamento permanente das dependências moral, sexual, política e cultural no curso da existência. A filosofia pertence à prática e a experiência do cuidado de si, que possibilita a transformação do sujeito no ato de criar outra vida na ontologia do presente.

NOTAS

¹ Mestrando em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).
E-mail: carlos_gomes02@hotmail.com.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOUCAULT, Michel. *A Hermenêutica do sujeito*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, Michel. *A Coragem da Verdade. O governo de si e dos outros II. Curso dado no Collège de France. (1983-1984)*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos, volume V: Ética, Sexualidade e Política*. Tradução de Elisa Monteiro e Inês Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos, volume IX: Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade*. Tradução de Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade 3: O Cuidado de Si*. Rio de Janeiro: Graal, 2005.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade 1: Vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2005.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FOUCAULT, Michel. *O governo de si e dos outros. Curso dado no Collège de France (1982-1983)*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

HADOT, Pierre. *O que é a filosofia antiga*. Tradução de Dion Macedo. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

- PLATÃO. *Carta VII*. Editora Loyola: Rio de Janeiro. 2013.
- PLATÃO. *Alcebiades*. Tradução Carlos Aberto Nunes. Editora UFPA: Pará, 2007.
- PLATÃO. *Apologia de Sócrates*. In: Os Pensadores. São Paulo: Editora Abril, 1972.
- PLATÃO. *A república*. In: Os Pensadores. São Paulo: Editora Abril, 2000.
- ROCHA, J. A. C. *Michel Foucault: crítico-esteta-cínico mitigado*. Campina Grande: EDUEPB, 2014.
- WOLFF, F. *Eros e Logos: a propósito de Platão e Foucault*. In: Discurso – Revista do Departamento de Filosofia da USP. São Paulo, n. 19: 135-164, 1992.